

17-
REBELO DE BETTENCOURT

**O MUNDO
DAS
IMAGENS**

CRONICAS



E D I C Ã O
—
RESSURGIMENTO
—
L I S B O A

além de me ter sentido velho — senti-me também estrangeiro dentro daquelas paredes do Martinho. Os rapazes do meu tempo já ali não iam — tendo a morte levado alguns e a vida dispersado os outros.

Os rapazes do meu tempo! E nunca em Portugal os rapazes foram mais rapazes do que aqueles que eu conheci e estimei em 1917, no café Martinho, porque nenhuns souberam como eles acreditar tanto na sua mocidade. Nós, em 1917, acreditávamos em nós, na nossa voluptuosa e optimista juventude. Ser môço era para nós um dever patriótico. Portugal envelhecido — para remoçar-se precisava da mocidade convicta e sincera dos rapazes. E nós, por patriotismo, não só queríamos remoçar Portugal com a nossa juventude, nós queríamos também fazer de Lisbôa a cabeça da Europa. E a mocidade d'aquele tempo, que já tinha lançado algumas revistas modernistas — atirou para o espanto de todos os portugêses uma revista que excedia tudo quanto em audácia e originalidade se tinha até então publicado. Foi o *Portugal Futurista*.

Estávamos em plena guerra, essa guerra espantosa de que iria sair uma nova Europa. Tudo se iria transformar — e nós presentiamos, na epiderme da nossa sensibilidade, o roçar de uma nova e redentôra juventude. O mais velho do nosso grupo não excedia trinta anos, e nenhum de nós era bacharel. E por isso e porque

eramos saudáveis, tínhamos da vida uma concepção optimista. O nosso optimismo era o segredo da nossa força moral. Santa Rita Pintôr — pré-gava-nos a energia e a coragem. Almada Negreiros fotografára-se de aviador. E todos, o José Pacheco, o Filipe Porfírio, o Fernando Pessoa e o Victor Falcão queríamos uma outra vida mais agitada e febril, mais moça e mais europeia, com mais ideias fortes e menos idealismos doentios. Era preciso romper com uma arte velha e amoral, e crear uma outra que fosse o espelho fiel e completo da nossa mocidade intensa. Santa Rita pensou na criação de uma grande revista que nos puzesse em contacto com a Europa. Era preciso destruir para reconstruir de nôvo e era um sonho de reconstrução o nosso. E o *Portugal Futurista*, dentro do seu aparente destrambelhamento, não foi mais do que a afirmação, ruidosa e alacre, duma mocidade generosa que não queria envelhecêr, e queria fazer de Portugal uma grande nação europeia.

Os rapazes do meu tempo, os rapazes de 1917, que ali, no Martinho, a uma mesa do café, construíram um grande mundo de ideias, se fosse possível juntá-los de novo, os vivos e os mórto, que nova e generosa lição de mocidade e confiança não saberiam eles dar, no meio desta quasi apagada e vil tristesa de hoje!

Mas a mórte arrebatou uns, e a vida para longe levou os outros. As viagens da vida e da